

Na série **Matéria escura** o ponto de partida são imagens das pinturas de Caravaggio, uma referência para Veiga pelo seu uso do espaço, incluindo e ativando o “vazio”, o intervalo entre personagens, objetos e arquitetura. As suas cores são eliminadas e é apagado tudo o que não seja roupa e panejamentos. Esse trabalho se conecta com a produção atual do artista, sejam as pinturas que também incluem o “vazio”, como o trabalho de espaço na série Hubble. Nele os tecidos que envolvem as figuras, objetos, etc., ganham conotação de tecido cósmico. O título refere-se a um novo tipo de matéria que não interage com a luz. Sua presença é inferida pelo efeito gravitacional causado por ela sobre a matéria visível. Transpondo esse raciocínio, a matéria escura de Manoel Veiga é inferida pela curvatura dos tecidos.

As pinturas evidenciam os desenvolvimentos de sua linguagem e processo onde fenômenos da natureza (difusão, gravidade, capilaridade, etc) são utilizados como ferramentas de construção, num procedimento técnico bem estruturado mas que contém em seu bojo uma certa medida de acaso. Há pouco uso do pincel, o direcionamento do fluxo de tinta é feito de forma indireta. A fixação desses movimentos sobre a tela gera a imagem de um novo espaço, facilmente associado ao natural uma vez que os procedimentos desenvolvidos pelo artista incluem os mesmos fenômenos usados pela natureza para a construção da paisagem, dos tecidos celulares, corais, dispersão dos gases estelares, etc. Não há aqui a tradicional metáfora para o mundo natural mas um curto-circuito de significados. Através desses fluxos reais de cor temos uma experiência indissociável de espaço e tempo, construída automaticamente pela percepção, e podemos questionar a natureza da representação na arte.

Na série **Hubble**, o ponto de partida é a apropriação de imagens em alta resolução do cosmos (nebulosas, galáxias, etc.), feitas pelo telescópio de mesmo nome. Elas são trabalhadas em programa de edição onde primeiramente são transformadas em imagens em preto e branco. Em seguida as cores são invertidas, o preto tornando-se branco e vice-versa. O ponto luminoso de uma estrela transforma-se em ponto preto, gráfico, sobre um novo fundo branco, favorecendo uma conexão com o desenho e a gravura. Na sequência, algumas dessas imagens são reunidas e trabalhadas através de recortes e distorções para que seja criado um novo espaço fictício, poético, com novas e inventadas relações entre porções diferentes do cosmos. Um novo universo feito a partir, literalmente, do nosso próprio, ou melhor dizendo feito a partir de índices desse nosso universo, as fotografias do Hubble.

Na série **Espectros**, o artista realiza uma intervenção de pintura sobre trabalhos da série Matéria escura que por sua vez são impressões sobre tela cujo ponto de partida são imagens das pinturas de Caravaggio que sofrem manipulação digital (suas cores são eliminadas e é apagado tudo o que não seja roupa e panejamentos). Dessa forma Veiga literalmente funde o seu trabalho pictórico com esta série fotográfica, passando a tinta acrílica a ser mais um elemento de conexão entre o panejamento remanescente da pintura original de Caravaggio e o espaço escuro e indefinido do fundo.